

Narrativa de formação e identidade nacional em *O vôo da arara azul*.

Cíntia Schwantes-UnB

Destinado a um público infanto-juvenil, *O vôo da arara azul* foi premiado pela Secretaria de Estado de Cultura de São Paulo. O livro filia-se à tendência atual de revisitar a história recente do país, notadamente os anos da ditadura militar, sob uma nova perspectiva, e inclusive apresenta um fac-símile de documento da época, um panfleto distribuído pela Unidade Operária, órgão de divulgação da ALN, a Aliança Libertadora Nacional, liderada por Carlos Marighella. Essa tendência pode ser encontrada em livros didáticos, e igualmente paradidáticos, como por exemplo, *Rômulo e Julia. Os caras-pintadas*, de Rogério Andrade Barbosa. A intenção é recontar a história recente do país do ponto de vista das esquerdas que resistiram à ditadura.

O vôo da arara azul, de Maria José Silveira, narra a formação de seu protagonista, o adolescente André, durante os anos de chumbo da ditadura militar. Embutida na questão do resgate da história recente do país, encontramos a questão do projeto de Brasil é defendido pelas esquerdas, e por essa via, de uma identidade nacional pretendida e defendida por elas. André passa por experiências formadoras – primeiro amor, primeira perda, uma educação informal em problemas brasileiros – tendo como pano de fundo as ações da guerrilha e o terrorismo de Estado. Seu eventual envolvimento é um momento crucial de sua formação, não só pessoal, mas também como membro de uma comunidade atingida por periódicos surtos de ditaduras, algo que o Brasil tem em comum com os outros países do Cone Sul.

Em *O vôo da arara azul* temos um narrador autodiegético, André, que se apaixona pela nova vizinha, Lia. Filho de um bancário, neto de um operário que trabalhou duro para garantir a educação necessária para a modesta ascensão social dos filhos, André mora em um bairro de classe média baixa e não se diferencia muito de outros meninos de sua idade: é tímido, introspectivo, não gosta de acordar cedo para ir à escola, reluta em ajudar nas tarefas domésticas, como ir à padaria. O que o singulariza é o hábito de desenhar histórias em quadrinhos, e seu animal de estimação, uma arara chamada Magda. De repente, para encantada surpresa de sua mãe, ele passa a acordar voluntariamente para ir para a escola, arrumando-se em tempo record, e a oferecer-se para ir à padaria. O “milagre”, é óbvio, deve-se ao fato de que André está apaixonado pela vizinha, que toma o ônibus todas as manhãs, para ir ao hospital onde trabalha, e vai à padaria no final da tarde.

Não apenas por ter um protagonista adolescente – o que não é suficiente, e às vezes sequer necessário – *O vôo da arara azul* é uma narrativa de formação. O texto da contracapa reza que a paixão de André, ao invés de cegá-lo, como soem fazer as paixões, abre-lhe os olhos para a realidade do país. Exageros publicitários à parte, um dos elementos da educação informal – um dos pontos realmente imprescindíveis em uma narrativa de formação – são exatamente as reflexões que Lia expõe a seu jovem amigo no trajeto do ônibus. As idéias que ela verbaliza não são completamente novas para o adolescente, uma vez que são similares às que o avô dele também professa. No entanto, o fato de virem de Lia confere a elas um novo peso: “Cada palavra dita por ela parecia brilhar; até mais, talvez, do que a própria quentura da luz do sol porque entrava direto em meu coração e era lá que me aquecia.” (p. 16)

Assim, Lia funciona, nessa narrativa de formação, como uma pletora dos elementos que compõem uma narrativa de aprendizagem, condensados em uma única personagem. Isso se explica pela necessidade de reunir uma variedade de elementos em uma narrativa relativamente curta. Lia é, ao mesmo tempo, um caso de amor bem sucedido, e mal sucedido. Bem sucedido, uma vez que dá a André tudo o que poderia dar, dentro das circunstâncias – atenção, afeto – e o trata como um adulto, conversando assuntos “sérios” com ele. Mal sucedida por que esse amor é fadado a ser platônico, uma vez que ela é casada, e não deixa dúvidas de que é apaixonada pelo marido. Além disso, após a ação militar, ela desaparece da vida de André.

Ela funciona também como outro dos elementos fundamentais da narrativa de formação, o mentor. Essa função é exercida também pelo avô do protagonista; no entanto, esse é apenas um personagem terciário, que pouca presença tem na narrativa. Ele é necessário para indicar a modesta ascensão social da família, que se revela principalmente no comportamento da mãe. Mais do que desgostar dos barulhentos vizinhos anteriores à chegada de Lia à casa ao lado, a mãe se alegra com a chegada dos novos vizinhos por que identifica Lia, uma estudante de medicina, como “uma moça fina” (p. 74). Mas, mais importante, a familiaridade com as idéias do avô serve para conferir verossimilhança à adesão quase imediata de André às idéias professadas por sua bem-amada, especialmente se levarmos em conta o fato de que as escolas, na época, apresentavam uma versão do Brasil como “país que vai pra frente”, graças, exatamente, à ação do governo militar. Assim, apenas a paixão de André poderia não ser suficiente para conferir um foro de verdade à atitude do protagonista.

A escola – a educação formal – é outro dos elementos de uma narrativa de formação. Aqui, ela está presente apenas como pano de fundo – afinal, é no trajeto para a escola que André se encontra com Lia. Muito pouco é discutido na narrativa, e o que aparece tem principalmente o intuito de colocar André como uma pessoa crítica (“... eu dizia que meu professor de Português era um perfeito jumento”, p. 17) Mas isso não surpreende: embora um protagonista de *Bildungsroman* via de regra deva passar por uma educação formal, muito pouco dela é explicitado. Em *O vôo da arara azul* isso se explica parcialmente pelo fato de se tratar de uma narrativa curta. Além disso, provavelmente parte-se do pressuposto de que esse processo é sobejamente conhecido pelo leitor. Afinal, o objetivo de uma narrativa de formação é contribuir com a *Bildung* do leitor, e repetir algo que já é de seu conhecimento não acrescenta muito ao processo de construir uma visão de mundo.

A tranqüilidade da vida de André é quebrada quando ele encontra Lia acidentalmente em um trem, carregando uma sacola cheia de panfletos da Unidade Operaria (cujo fac-símile encontra-se na obra – exatamente o número que fala sobre o assassinato de Marighella pelas forças da repressão). Lia, como o leitor já terá percebido, é uma das militantes de esquerda que aderiram à guerrilha urbana. A música alta e a curiosa disposição de moveis na casa que ela ocupa com o marido e o “tio” (na verdade outro militante) destinam-se a esconder o fato de que ali funciona uma gráfica clandestina.

Confrontada, Lia diz a André que está passando por um problema pessoal e que mais tarde ele irá entender a situação toda. O adolescente promete que não comentará nada a respeito do panfleto, e Lia parece aliviada. No entanto, a conversa acaba nunca ocorrendo, pois o problema de Lia nada tem de pessoal: ela articulou às pressas a fuga de uma companheira que chegou ferida ao hospital onde ela trabalhava. A ação rápida não permite que ela tome as precauções necessárias, e a ação policial é rápida. André age para salva-la, possibilitando sua fuga, ao avisar a ela que não retorne à casa, já ocupada. Ao primeiro movimento, alguém dispara uma metralhadora, mas a vítima é a inocente Magda, que ao ouvir barulho na casa procurou chamar a atenção de sua amiga, Lia. Significativamente a arara é azul: uma das cores da bandeira nacional, mas não associada ao patriotismo oficial, que utilizava as cores verde e amarela.

Anos se passam. Durante a movimentação política provocada pela anistia, André, já adulto, procurou encontrar o nome de Lia entre as listas de anistiados. Como isso nunca ocorreu, a suspeita de que Lia estivesse morta se instala. Essa suspeita se

confirma quando, mais de vinte anos após os eventos narrados, André reencontra Alfredo, o marido de Lia, que conta a ele que, embora tenha escapado graças a sua ação, Lia fora presa novamente, e morrerá sob tortura: “É uma entre os cerca de 400 companheiros que a ditadura assassinou”. Para que a analogia fique ainda mais marcada, após a “queda”, Lia adotara o “nome de guerra” de Magda.

André, como um protagonista de narrativa de formação, encontra uma vocação: não a de desenhar quadrinhos, como desenhava na adolescência, mas de fazer cinema, um talento, e uma vontade, já presentes em suas conversas com Lia – ele as lembrava como se fossem um filme. A narrativa fecha com sua decisão de fazer um filme intitulado “O vôo da arara azul”, contando, como se pode imaginar, a história daquela que foi seu primeiro amor. Com a notícia da morte de Lia, ele fecha seu processo de formação e está pronto para tomar seu lugar como cidadão em um país melhor, uma democracia que recebeu de volta seus exilados, implicitamente, graças à ação de Lia e seus companheiros. Assim temos também uma reflexão sobre a história recente do país como parte fundamental da *Bildung* do protagonista.

Historicamente, as narrativas de formação ligam-se à ascensão da burguesia como classe dominante. Resgatadas durante o Romantismo, não é incomum que questões de identidade nacional permeiem essas narrativas. Embora tais questões se tornaram menos relevantes nos séculos subsequentes, em algumas narrativas de formação do século XX, notadamente em países latino-americanos, ainda podemos encontrá-las. É o caso de *Don Segundo Sombra* e de *Menino do engenho*, por exemplo. É seguramente o caso em *O vôo da arara azul*.

Dois questões finais: o fato de que o narrador é autodiegético. Usualmente, embora não obrigatoriamente, o narrador de um *Bildungsroman* é autodiegético, em primeiro lugar para acrescentar verossimilhança aos fatos narrados (“essa é a minha experiência de vida, que estou dividindo com você”, reza o pacto de verossimilhança estabelecido com o leitor nesses casos). Igualmente, no caso de uma obra que visa um público infanto-juvenil, como essa, para propiciar uma identificação maior do leitor com o protagonista. Aqui, temos um narrador autodiegético, um adolescente apaixonado, cujas experiências de vida, espera-se, ajudem o leitor a encontrar um equilíbrio entre ser aceito e defender aquilo que ele acha certo – como fez André, que arriscou-se por amor a Lia, mas também por concordar com as idéias da amada.

Um aspecto não tão relevante em uma obra para leitores adultos é a apresentação do objeto livro, mas quando se trata de um público infanto-juvenil, esse aspecto ganha

relevância. Na edição de que trata esse artigo, a capa mostra duas casas lado a lado, em uma imagem de negativo de fotografia, colorizada. As casas têm cores fortes, verde e carmim respectivamente, e os painéis das janelas de ambas são azuis. Ao fundo, um céu escuro, cheio de nuvens, que compõe também a folha de rosto do livro. O título, bem como o nome da autora e o da ilustradora, vem em letras ocre, na fonte Adler, freqüentemente utilizada nas velhas máquinas de escrever, as mesmas que eram usadas para imprimir o stencil que geraria provas escolares e também panfletos como os distribuídos à população pelos militantes de esquerda. A numeração dos capítulos e as três ou quatro primeiras palavras vêm na mesma fonte; o resto do texto, em Times New Roman.

Outro elemento importante tanto na condução da narrativa quanto na construção do protagonista-narrador são os quadrinhos que André desenha. Ao final dos capítulos 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 10, 11, 12 e 15, encontramos quadrinhos que reproduzem algum evento narrado no texto. Após o capítulo 16, na página 57, encontra-se o fac-símile do n.º 5 do *Unidade Operária* (também em fonte Adler), que se estende até a página 59. Na página 66 há outro fac-símile. Após o capítulo 15, não há mais quadrinhos. É como se o confronto com a ditadura determinasse o final da infância de André, um rito de passagem a partir do qual a inocência é perdida. Assim, a partir desse momento, a possibilidade de dedicar-se a uma atividade puramente lúdica desaparece. Ele seguirá carreira como cineasta, e seu primeiro filme será uma homenagem ao avô operário.

O vôo da arara azul pode, portanto, ser lido como uma narrativa de formação do artista: o menino André desenha quadrinhos, apaixona-se por Lia e, após o desaparecimento da amada, torna-se impossível para ele continuar desenhando, e isso determina a sua escolha por uma carreira no cinema.

Por fim, *O vôo da arara azul* apresenta a história recente do país como um evento significativo na formação de um protagonista jovem que desperta a adesão do público adolescente, em uma narrativa envolvente, que seduz o leitor.

Bibliografia

- AMRINE, Frederich. Rethinking the *Bildungsroman*. *Michigan Germanic Studies*. vol. 13 Iss. 2, 1987.
- GOHLMAN, Susan A. *Starting over. The Task of the Protagonist in the Contemporary Bildungsroman*. New York: Garland, 1990.
- HARDIN, James (ed). *Reflection and Action: Essays on the Bildungsroman*. Columbia, University of South Carolina Press, 1991.
- SILVEIRA, Maria José. *O vôo da arara azul*. São Paulo: Callis, 2007.